

O papel dos emigrantes retornados na perpetuação de sistemas migratórios: o caso da migração internacional Microrregião de Governador Valadares, 2000-2010

Leonardo Gomes de Sousa¹;
Dimitri Fazito²;

Resumo

As oscilações no cenário econômico entre Estados Unidos e Brasil ocorridas na década de 2000/2010 não foram suficientes para desestimular o deslocamento histórico dos habitantes da Microrregião de Governador Valadares para o país americano. Este aparente paradoxo da mobilidade sucedeu devido ao papel singular executado pelo emigrante retornado internacional que, através de suas redes de apoio inseridas num mercado da migração, e na propagação de valores e representações que alimentam uma cultura migratória, possibilitou que linhas de ação favoráveis à emigração de brasileiros em todo o período se tornassem disponíveis e competitivas mesmo diante das oscilações globais. Utilizou-se a perspectiva de Análise de Redes Sociais para verificar o papel dos retornados na operacionalização do suporte social sobre a migração através da intermediação de etapas que compõem o sistema migratório MGV/EUA. As análises apontaram que o retornado internacional é peça fundamental para perpetuação do sistema migratório devido à intermediação de recursos estratégicos transmitidos na comunidade. Ele é dotado de capital social singular dentro do sistema de migração, podendo assumir papéis de suporte financeiro, psicológico e de intermediação entre outros contatos, e disseminar tanto valores quanto recursos essenciais para a consecução do projeto migratório.

Palavras-Chave: Migração Internacional, Retornados, Redes Sociais, Microrregião de Governador Valadares, Estados Unidos

1Doutor em Demografia (CEDEPLAR/UFMG). leogosousa@gmail.com

2 Doutor em Demografia (CEDEPLAR/UFMG) e Professor Adjunto do Departamento de Sociologia da UFMG

1. Introdução

A Microrregião de Governador Valadares (MGV), localizada no estado de Minas Gerais e com uma população de 415 mil habitantes, é tida na literatura como a região brasileira que possui números expressivos em relação a perda populacional para os Estados Unidos (IBGE, 2011). Aparentemente, os principais motores para a reprodução e a continuidade do fluxo estariam relacionados à formação de redes sociais entre origem e destino que, por sua vez, permitiram o surgimento de um mercado da migração irregular e de uma espécie de ‘cultura da migração’ (Margolis, 1994; Sales, 1999; Fusco, 2000; Soares, 2002; Assis, 2004; Fazito, 2005; Siqueira, 2006).

O aumento da fiscalização dos imigrantes nos portos de entrada nos EUA após o atentado de 11 de Setembro de 2001 e a grande crise econômica americana após o estouro da bolha imobiliária em 2006 foram fatores que parecem ter impactado os fluxos de entrada, e aumentado o volume de retornados brasileiros (Sousa e Fazito, 2016). Como consequência também se observa o declínio das remessas e um momento de estagnação da economia local na região da MGV (Dias e Sousa, 2010). Segundo uma perspectiva ampla da Economia da Migração (de Haas, 2010), neste cenário seria esperada uma forte contração e consequente ruptura dos fluxos de emigração internacional a partir da região.

Contudo, mesmo diante de um cenário econômico não tão atraente como em tempos anteriores nos EUA, e com o Brasil vivendo um momento estável no cenário internacional nos últimos anos, a emigração de cidadãos da região parece ter persistido com força relativa (Sousa e Fazito, 2016). Acreditamos que este aparente paradoxo ocorreu devido ao papel singular executado pelo emigrante retornado internacional que, através de suas redes de apoio inseridas num mercado da migração, e na propagação de valores e representações que alimentam uma cultura migratória, possibilitou que linhas de ação favoráveis à emigração de brasileiros em todo o período se tornassem disponíveis e competitivas

A figura do retornado é aquela que possui maior gama de informações e recursos em relação aos processos que envolvem a emigração internacional para os EUA. Ele ocupa uma posição fundamental na organização e na sustentação dos sistemas de migração, pois em geral seu posicionamento na rede social da migração o coloca em condições vantajosas de intermediação dos recursos estratégicos necessários ao projeto migratório. (Soares, 2009). Assim, a trajetória singular do retornado o nutre de um capital social que possibilita

ou constrange seus pares proximais na consecução do projeto migratório. O retornado é ponto inicial de acesso a toda esfera que envolve a emigração internacional, desde a travessia legal ou irregular, a falsificação de documentos, o financiamento da migração, até mesmo às indicações de moradia e emprego em terras estrangeiras. Fazito e Soares (2014) destacam que alguns retornados formalizam sua condição de intermediação e assumem papéis de agentes da migração através da participação em agências de turismo e outras instituições que formariam a chamada 'indústria da migração ilegal' (Margolis, 2004; Fazito e Soares, 2014).

Neste artigo utilizamos a perspectiva de Análise de Redes Sociais para verificar o papel dos retornados na operacionalização do suporte social sobre a migração através da intermediação de etapas que compõem o sistema migratório MGV/EUA. A hipótese é que o retornado possui um posicionamento privilegiado na rede social migratória que permite o gerenciamento de informações, a possibilidade de ocupar posições estruturais de agenciamento irregular, bem como atuar na difusão de valores e representações que fundamentam a cultura migratória. Aqui apresentamos uma análise exploratória com dados relacionais de 50 indivíduos que atualmente residem na MGV e tiveram uma trajetória de emigração internacional para os EUA no passado.

2. Migração internacional e o papel do retornado: Uma abordagem teórica sobre o processo de continuidade dos sistemas de migração

Ao focar especificamente na atuação dos retornados, este artigo fundamenta-se principalmente nas abordagens dos modelos transacionais da migração que a tratam em uma perspectiva dinâmica, sistêmica e relacional (de Haas, 2010; Massey et al., 1987; 1990; 1993; Guilmoto e Sandron, 2001; Fawcett, 1989; Kritz e Zlotnik, 1992). Primeiramente, compreendemos que a migração é um processo social, onde os deslocamentos são tomados como projetos socialmente orientados a partir da interação entre migrantes, não migrantes e regiões expulsoras e receptoras (Massey *et al.*, 1987). Sendo a migração não apenas o efeito das escolhas racionais exclusivas de um ator, mas constituída como um projeto coletivo, o comportamento migratório está inserido em uma rede social específica onde o deslocamento se inscreve tanto na dimensão física quanto espacial, e representa o resultado e a possibilidade das trocas sociais na comunidade ao fundamentar um pacto social que determina as estratégias de sobrevivência dos seus

indivíduos – neste sentido fazemos aqui referência ao argumento de Abdelmalek Sayad (2000), que vê na migração um “fato social total” revelador da negociação coletiva em torno de uma ordem social que instaura estratégias de sobrevivência econômica (a saída, o exílio, a fuga) para comunidades e famílias em risco. E assim, como sugerem Fazito e Soares (2014:03), a mobilidade espacial do indivíduo depende das “configurações sociais onde papéis e posições são elaboradas e negociadas diariamente, legitimando escolhas pessoais e ações da vida em comunidade”.

Uma vez entendida como um processo social e coletivo, a migração pode ser integrada e operacionalizada como um sistema integrado por fatores como as redes sociais, instituições e organizações de mercado, representações, normas e valores, recursos estratégicos e linhas de ação, além dos parâmetros que definem o território, regiões de origem e destino entre os fluxos de deslocamento (Fawcett, 1989; Kritz e Zlotnik, 1992; Fazito, 2005). Entendemos que a modelagem de redes de migração representa, de fato, a problemática de operacionalização de um sistema migratório, com as interações sociais e institucionais entre os vários atores no processo migratório. Estas redes de migrantes constituem-se em um conjunto de laços interpessoais que ligam migrantes, retornados, não migrantes e outros atores entre áreas de origem e destino estabelecidos a partir de relações de parentesco, amizade ou algum outro grupo de interesse compartilhado (Massey *et al.*, 1993), e deste modo, contribuem para uma visualização formal privilegiada do sistema (Wasserman e Faust, 1994; Fazito; 2005). A ideia fundamental por trás da análise das redes sociais é o fato de que as conexões interpessoais transmitem informações e recursos estratégicos das mais variadas espécies. Assim, é esperado que os migrantes em potencial tenham laços diversos com atores qualificados da migração, através de contatos diretos e indiretos, inseridos na estrutura social. Além disso, a migração também se realiza como um processo de causação cumulativa no qual o acúmulo e repetição das experiências individuais de deslocamentos reforçam e ampliam o capital social (mais contatos diretos e indiretos, mais laços fracos e fortes) tanto dos indivíduos quanto das comunidades de origem e destino (Massey, 1990; Massey *et al.*, 1993). Por exemplo, Kandel e Massey (2002), em estudos sobre a migração de mexicanos para os EUA, afirmam que a principal causa da perpetuação destes deslocamentos baseia-se na acumulação de capital social, onde os membros da comunidade possuem conhecimento e recursos relacionados a migração através de sua rede social, constituída principalmente por familiares e pessoas que já

viajaram para os Estados Unidos – de forma semelhante ao caso dos brasileiros para os EUA.

O capital social encontrado nas redes migratórias apresenta-se como um conjunto de recursos estratégicos (contatos) disponibilizados na rede pessoal do migrante que o auxiliam na realização do projeto migratório através de apoio material (dinheiro, documentos, informações), instrumental (transporte, comunicação, falsificação) ou expressivo (segurança física e psicológica) (Lin, 2001). Portanto, as posições estruturais disponíveis e efetivamente ocupadas por migrantes e não migrantes em uma configuração de rede que possui dimensões locais (aqui e lá, origem e destino) e globais fornecem os recursos estratégicos que facilitam ou constroem as ações e decisões do projeto migratório.

Neste cenário, o projeto migratório será desenvolvido a partir de relações cotidianas entre diversos atores sociais posicionados estrategicamente na estrutura social (Fazito e Soares, 2010). Um “posicionamento adequado” na rede permitiria ao migrante em potencial acessar informações e recursos eficazes, permitindo-o, por exemplo, escolher e enquadrar em um projeto de travessia mais adequado à sua situação, obter financiamentos para migrar, conseguir um emprego, arrumar uma moradia, organizar sua documentação e, até mesmo, encontrar um parceiro para casamento. Tais fatores contribuem decisivamente para a redução dos riscos do deslocamento, além da reprodução social do sucesso migratório e consequente manutenção do projeto coletivo da migração.

Numa rede migratória internacional, a figura do retornado ocupa uma das posições mais importantes na organização e perpetuação do sistema migratório. Além de possibilitar a circularidade ao processo (Sayad, 2000), ele é dotado de um capital social específico que o qualifica como multiplicador e difusor do projeto migratório, podendo assumir outras funções de intermediação e perpetuação do processo. De fato, em regiões com alto volume de emigrantes internacionais e retornados como a MG, seria esperado encontrar na rede pessoal de boa parte dos residentes, indivíduos capazes de fornecer alternativas e estimular migrantes em potencial. Assim, o aparente paradoxo da mobilidade que teria se manifestado na década 2000/2010 poderia ser explicado pela relativa “facilidade” com que o projeto de emigração internacional continua a ser executado com a participação ativa e constante dos retornados internacionais.

3. Retornados Internacionais e a “Indústria da Migração Ilegal”

A partir do início da década de 1980, diante da crise econômica que assolava o país, um número expressivo de brasileiros passa a emigrar para outros países, revelando uma tendência inédita dos fluxos populacionais de saída (Margolis, 1994; Carvalho, 1996; Sales, 1998). Durante a chamada ‘década perdida’, a principal rota de fuga em busca de melhores oportunidades apontava para os Estados Unidos. Diversos estudos caracterizam a população da região de Governador Valadares como a pioneira e a de maior representatividade nesses fluxos migratórios para os EUA (Patarra; Baeninger, 1995; Sales, 1998; Martes, 1999; Soares, 2002; Fazito, 2005; Siqueira, 2006).

No início da década de 1980 era relativamente fácil conseguir um visto de turista para os EUA. Tanto emigrados, através de cartas e raros telefonemas, quanto os retornados, transmitiam as maravilhas de uma ‘terra de oportunidades’ (Siqueira, 2008). Os emigrados recebiam os conterrâneos, arrumavam moradia e facilitavam o primeiro emprego (Fusco, 2005). Assim, apesar de realizarem uma travessia legal, os brasileiros, depois do vencimento do visto, passavam a vivenciar uma situação de irregularidade (*overstaying*).

Nesta época, a quantidade de vistos de turista concedidos a brasileiros cresceu significativamente e tal fato chamou a atenção do Serviço de Imigração e Naturalização dos EUA que passou a monitorar com maior rigor a emissão de vistos (Soares, 2002). Fusco (2005:73) afirma que algumas cidades ficaram marcadas como potenciais fontes de futuros imigrantes irregulares, destacando o fato de que ao chegar à embaixada americana “bastava o reconhecimento da naturalidade pelo passaporte para que o funcionário da embaixada norte-americana negasse o visto”.

Quando o monitoramento do Serviço de Imigração e Naturalização dos EUA se ampliou, aumentando as restrições à entrada de brasileiros em território estadunidense, os fluxos de migrantes em situação de irregularidade também aumentaram proporcionalmente, implicando a diversificação das estratégias e alternativas de deslocamento que necessariamente expunham os migrantes potenciais ao risco da ilegalidade (Fazito, 2005; Fusco, 2005). Neste cenário, a importância do retornado internacional aumentou porque seu capital social, elaborado na rede social da migração, disponibilizava uma pletora de informações, recursos e contatos vantajosos, “compartilháveis” com outros migrantes potenciais de maneira singular.

Observa-se no início dos anos de 1990 uma condição estruturante essencial para a formatação de um mercado da migração na MGV: de um lado a ação efetiva de controle e acesso às fronteiras, operada pelo governo dos EUA (limitação da oferta de vistos), e de outro a demanda cada vez maior pela acessibilidade em quaisquer circunstâncias realizáveis que possibilitasse o projeto migratório. Contudo, dada a impossibilidade legal de equalização entre oferta e demanda observamos a emergência de um mercado de migração irregular com o estabelecimento de uma “indústria da migração ilegal” de caráter transnacional, articulando uma rede institucional de amplo espectro (Margolis, 1994; Fazito e Soares, 2014). As estratégias de caráter irregular fornecidas por esse mercado da migração consistem basicamente na formatação de documentação fraudulenta para obtenção de um visto formal ou na travessia indocumentada para os Estados Unidos por países limítrofes. Ainda, Fazito e Soares (2014) indicam que a proximidade entre a rede de retornados e o sistema ilegal contribuiu para a expansão dos mecanismos intermediários, pois naquela época muitas das agências de turismo eram de propriedade de retornados que também atuavam autonomamente como recrutadores ilegais na região (Goza, 1994; Soares, 2002).

Além disso, como parte integrante do mercado da migração, as agências de turismo ganharam destaque já ao final da década de 1980 devido a operacionalização informal do fluxo de remessas entre emigrados valadarenses e suas famílias remanescentes na origem. Diante dos entraves legais colocados pelos EUA e a necessidade de preencher as aspirações dos cidadãos valadarenses cada vez mais integrados em uma cultura migratória, as agências de turismo se adaptaram, associando-se a uma cadeia de agentes intermediários (desde recrutadores, atravessadores e receptadores, em geral conhecidos genericamente nos estudos de migração como *coiotes*³). Muitas destas agências passaram a intermediar a falsificação de documentos e o processo de travessia ilegal (Margolis, 1994; Soares, 2002; Fazito, 2005). Também, juntamente com os retornados, as agências se tornam a principal fonte de financiamento das travessias para aqueles que não possuíam recursos próprios, inaugurando um sistema de crédito e empréstimos que mais tarde abriria caminho para outros tipos de desvio e intensificação da violência associados ao processo da migração internacional na região.

³ Na MGV a categoria nativa para *coyote* é o chamado *cônsul*.

Deste modo, espera-se que o retornado demonstre através de sua rede pessoal, laços que comprovem sua capacidade para o suporte social e o posicionamento intermediário entre atores especializados (agências, falsificadores, emigrados internacionais, etc) resultando no controle de recursos estratégicos visando o projeto migratório. A avaliação do capital social do retornado neste estudo será feita a partir da verificação das medidas obtidas pelas redes pessoais de retornados internacionais e de um exercício original que representa a tentativa de construção de uma rede total da comunidade de migrantes e não migrantes da MGv a partir do conjunto de redes pessoais coligidas, visando observar a navegabilidade e a disponibilidade do suporte social na rede migratória.

4. Material e Método

Essa investigação é baseada na modelagem das redes sociais e visa verificar o papel do retornado no processo da migração internacional. A hipótese é que o sistema migratório existente na região de Governador Valadares para os Estados Unidos pode ser organizado a partir da análise das redes pessoais dos seus residentes e as relações entre seus laços pessoais, agentes e outras instituições que estejam ligadas à emigração (legal ou ilegal). Para tanto, foi utilizada a abordagem das redes pessoais (McCarty, 2002) para o caso da emigração internacional na MGv. Tal enfoque é projetado para determinar a influência de cada membro da rede sobre o respondente, baseando-se na ideia de que cada ator exerce pressões diferenciadas sobre as atitudes, valores e comportamento do indivíduo. As redes pessoais podem ser tratadas como um modelo analítico capaz de revelar os pilares das interações comunitárias, onde as pessoas desenvolvem a sociabilidade e criam nichos de interesses compartilhados através de subcomunidades de interesses específicos (Wellman, 1988). A análise de cada rede pessoal permite verificar as interações sociais de um indivíduo em seu ambiente social mais específico, enquanto a análise da rede total busca conectar todas as redes pessoais e examinar a estrutura social derivada de todas as interações do grupo.

Com a finalidade de coletar os dados relacionais dos indivíduos e os membros da sua rede foi conduzido um projeto de pesquisa⁴ na região de Governador Valadares de Janeiro a

⁴ Projeto de Pesquisa Redes Sociais e Rede Migratória: agências e agentes que singularizam a migração internacional de Governador Valadares, apoiado pelo CNPQ e coordenado pelo Prof. Dr. Weber Soares.

Julho de 2006. Foram realizadas 50 entrevistas com retornados que haviam vivido nos Estados Unidos e voltaram para a região há pelo menos seis meses. A coleta foi baseada na amostragem bola de neve, onde os 10 primeiros respondentes (5 homens e 5 mulheres) foram obtidos de forma aleatória. Os retornados internacionais responderam questões sócio demográficas individuais (*ego*) e sobre os membros de sua rede pessoal (*alteri*). Além destas, haviam questões que consistiam sumariamente, na frequência e proximidade de contato de todas as relações (*ego-alteri* e *alteri-alteri*); na avaliação do tipo de relação (família nuclear ou estendida, vizinhança, amizade, colegas de lazer, ou trabalho); e o tipo de suporte social efetuado por *ego* ou pelo *alteri* relacionado ao processo de migração internacional.

Para a obtenção da relação dos *alteri*, o entrevistado deveria apontar 60 nomes de pessoas com quem ele convivia e poderia contatar caso fosse preciso (McCarty, 2002). Assim, os respondentes indicavam os nomes ou apelidos avaliando o grau de proximidade entre ele e o *alter* numa escala de um a quatro. Posteriormente, usando a mesma escala e incluindo o zero para dois *nós* sem relação, o entrevistado sugeria a proximidade existente entre cada par de *alteri*.

Fazito e Soares (2014) baseando-se em análises de trabalhos anteriores fazem duas considerações sobre este tipo de levantamento quando aplicado ao estudo das migrações. A primeira deve-se a importância do caráter da evocação imparcial e livre das entrevistas, sem relacionar ou motivar o entrevistado a listar pessoas envolvidas com questões migratórias. Assim, ao avaliar a dinâmica de suas relações sociais sem o viés da migração, as perguntas sobre migração foram aplicadas somente após os entrevistados relacionarem todos os indivíduos de sua rede pessoal. A segunda refere-se ao significado e à confiabilidade das respostas dos entrevistados, assumindo que as percepções dos entrevistados sobre suas relações e o modelo apresentado na rede pessoal representam um tipo de “mapa mental” sobre como *ego* compreende o mundo real ao seu redor concretamente. Parafraseando o “Teorema de Thomas”, é suficiente aceitar que “se os homens definem as *relações* como reais, então elas são reais em suas consequências” (Collins, 2009: 221).

Os retornados dos EUA que atualmente vivem na região de Governador Valadares foram tomados como unidade de observação e suas redes pessoais como unidade de análise. Conforme discutido anteriormente, o retornado possui uma navegabilidade entre áreas de

origem e destino, bem como um acesso privilegiado aos mecanismos intervenientes do processo migratório legal ou ilegal. Assim, a análise das redes pessoais destes indivíduos pode ajudar a compreender melhor o sistema migratório existente na região e clarificar o aparente paradoxo da mobilidade que existiu na década 2000/2010.

Foi concebido um banco de dados com três estruturas básicas que se comunicam: a primeira contém os dados de atributos dos retornados e algumas medidas de cada rede pessoal; já a segunda possui os dados de atributo e relacionais sobre todos os *alteri* que cada *ego* informou - como neste caso temos 50 entrevistados e 60 *alteri* relatados para cada *ego*, haveria a possibilidade de uma população total de até 3000 *alteri* catalogados; por fim, temos as matrizes de adjacência (isto é, a matriz das *díades*) contendo as relações ponderadas entre os 60 *alteris* de cada rede pessoal.

Os dados foram catalogados utilizando o software *Egonet*. Depois de extraídos os dados de atributo e das relações, o primeiro foi processado usando o software estatístico *SPSS 18* e o segundo contendo as matrizes foram esquadrihados através do software *Gephi*.

5. Redes pessoais dos retornados e a gestão de informação sobre emigração internacional

A análise descritiva dos dados da amostra, coletados junto aos retornados apontou que a maioria dos entrevistados é do sexo masculino (56%) e de idade superior a 30 anos (88%). Quanto à escolaridade, 14 indivíduos não haviam finalizado seus estudos de primeiro grau (27%), seguidos daqueles que completaram apenas o primeiro grau (30%), enquanto o restante se dividia entre aqueles que completaram o segundo grau (32%) e o ensino superior (10%). De forma autodeclarada, 26 indivíduos afirmaram serem brancos (52%), seguidos pelos pardos (23%) e 1 indígena. Em relação ao estado civil no momento da entrevista, pouco mais da metade dos entrevistados declararam estar solteiros (51%), seguidos por outros 17 entrevistados que possuíam companheiros(as) por casamento (12%) ou união estável (22%).

Quanto à religião, a maioria declarou ser católica (51%) ou evangélica (37%). Os dados censitários apontam que na MGv esta distribuição é da ordem de 59,2% e 31,2%, enquanto a média brasileira de católicos e evangélicos é de, respectivamente, 64,6% e 22,2% (IBGE, 2011). Essa predominância de evangélicos na MGv em relação à realidade

brasileira reforça a existência de uma comunidade mais estratificada pela religião, com mais evangélicos, que por sua vez, como aponta Martes (1999), são peças fundamentais para a expansão dos fluxos de brasileiros para os EUA. A participação de pastores e missionários evangélicos no exterior opera como importante rota na composição do sistema de emigração internacional brasileiro (Fazito, 2005) e na articulação de benfeitorias e conversão dos fiéis (Martes, 1999).

Em relação ao tempo total de estadia nos EUA, considerando o período composto entre a data da primeira viagem e a data do retorno definitivo ao Brasil, 22 entrevistados (44%) não chegaram a completar três anos residindo nos EUA. Outros 5 indivíduos declararam ter permanecido entre 3 a 4 anos, enquanto a maioria (46%) declarou 5 anos ou mais de permanência em terras estrangeiras. A maioria dos entrevistados atua no ramo de serviços (66%), seguidos por aqueles que estão lotados na indústria (12%). Metade dos participantes (50%) declararam ser proprietário de algum empreendimento e outros 14 (28%) apontaram estar empregados. Siqueira (2006) destaca que muitos que partem para o exterior projetam, dentre outras coisas, abrir empresas e adquirir imóveis quando retornarem. De fato, dos 25 indivíduos que declararam ser proprietários de alguma empresa, 84% permaneceram por mais de 2 anos nos EUA.

Por fim, a maioria dos entrevistados (66%) declarou ter emigrado de forma legal com algum tipo de visto (turismo, trabalho ou estudante), enquanto outros 17 declararam ter entrado nos EUA de forma ilegal, seja pela travessia da fronteira (26%) ou através de documentação falsa (8%). É preciso avaliar três pontos a serem tratados com cuidado pelo potencial viés imputado aos dados. O primeiro, conforme já observado por Fazito e Soares (2014), diz respeito à dificuldade de obter dados confiáveis sobre ilegalidade na pesquisa de campo. Os autores apontam que mesmo sem perguntar diretamente sobre um 'ato ilegal', alguns respondentes sentem-se constrangidos a declarar tal situação. O segundo ponto refere-se à forma de obtenção do visto regular, que como foi discutido anteriormente, pode ser conseguido através de um preparo clandestino de documentos e assim, embora o visto seja 'legal', o seu processo para obtê-lo passou por um mercado ilegal estruturado. O terceiro ponto diz respeito àqueles indivíduos que relataram entrada nos EUA com visto de turismo. A permanência em solo estadunidense para além do permitido pelo visto de turismo (*overstaying*) configura uma irregularidade não assumida por muitos entrevistados que não aceitam a caracterização de uma ação ilegal efetiva.

Considerando essas observações, acredita-se que alguns entrevistados possam não ter declarado o real tipo de travessia realizado e, por consequência, os resultados apresentados nessa análise possam estar subestimados. Ampliando um pouco a visão sobre o que de fato caracteriza a irregularidade na emigração internacional para os EUA, coloca-se duas questões relativas a relação entre projeto migratório e o tipo de visto obtido. A primeira refere-se ao fato de obter um visto regular a partir do forjamento de documentos falsos, ou seja, apesar de declarar legalidade no processo de travessia, o indivíduo usou de artifícios ilícitos para sua consecução. Outro ponto diz respeito ao fato de que, mesmo que o indivíduo tenha adquirido algum visto de forma legal, que possui tempo determinado para retornar, ele já parte da origem com o consciente objetivo de extrapolar tal período e permanece em situação irregular até que se adquiram formas de permanência regularizadas através de *greencards* ou cidadania americana. Observando essas prerrogativas, todos entrevistados que obtiveram um visto de turista para a entrada legal nos EUA, cujo prazo máximo de permanência é de 3 meses, extrapolaram esse período mantendo-se no país americano em situação irregular (*overstaying*).

Uma vez estabelecido em terras estrangeiras, o emigrante brasileiro mantém estreito contato com o mercado da migração ilegal, mas dessa vez operando em escalas diferentes. Muitos emigrantes em situação de irregularidade para conseguirem trabalhar recorrem à falsificação de documentos como o SS (*Social Security*) e a carteira de motorista. Além disso, há empresas gerenciadas por estrangeiros ou até mesmo por americanos que oferecem trabalho sem registros e taxações de impostos, mantendo o emigrado de forma indocumentada. Assis (2004) destaca também o esquema de ‘venda de *schedules*’, que consiste no gerenciamento e transferência de serviços de limpeza de casas para outros migrantes, operacionalizado geralmente por mulheres emigrantes mais experientes.

Neste sentido, a participação do retornado no padrão estrutural de migração de brasileiros para os EUA é fundamental para a redução de riscos financeiros e psicológicos para aquele que deseja emigrar. De fato, num sistema complexo como o da região valadarense, entre o desejo e a consolidação da migração, o indivíduo invariavelmente deverá ter em sua rede pessoal contatos que compartilhem da experiência migratória internacional. Essa efetivação se dá a partir de relações sociais que lhe garantam acesso ao processo de travessia e adaptação em terras estrangeiras.

Para a travessia, legal ou não, o retornado é geralmente o elo mais confiável e atualizado para fornecer informações e recursos, podendo intermediar relações entre o migrante potencial e *atravessadores*, agências ou outros atores qualificados no sistema migratório. Quanto à adaptação no local de destino, é relevante destacar a evolução e o papel assumido pelas tecnologias de comunicação e informação na troca de informações ‘*em tempo real*’ entre origem e destino (Vilhelmson e Thulin, 2013). Entretanto, na ausência de laços efetivos com emigrados que lhe garantam acesso à moradia e ao primeiro emprego, o migrante em potencial precisa acessar retornados para a realização de conexões que minimizem os riscos de execução da estratégia migratória.

A análise das redes pessoais dos emigrantes retornados na região de Valadares pode ser considerada como uma forma detalhada e contextualizada de visualização dos padrões estruturais em nível micro do sistema migratório existente na região. O exame das variáveis que compõem cada rede pessoal contribui para verificar a participação destes retornados na perpetuação de uma cultura migratória através do posicionamento e papel desempenhado no sistema. A tabela 2 sumariza as estatísticas descritivas destas redes pessoais, agrupadas pelas variáveis estruturais (medidas sobre a topologia da rede) e variáveis de composição (proporções sobre as relações de cada *ego* com os *alteri*).

A medida de densidade descreve o nível geral de conectividade entre os pontos em uma configuração reticular (Scott, 2000). Ela é dada pela razão do número de conexões existentes na rede pelo número total de possíveis conexões entre todos os pares de *nós*. Variando entre 0 e 1, quando a densidade estiver perto de 0, maior a chance da rede ser esparsa e desconectada, e quanto mais próximo de 1, mais conectada e coesa será a rede. As 50 redes pessoais com 60 *alteri* cada apresentou uma densidade média de 0,38, com uma pequena variação na média, sugerindo que as redes dos retornados apresentam uma configuração estável e levemente esparsa.

É importante destacar que a densidade varia com o tamanho das redes. Em geral, redes entre 50 e 150 indivíduos constituem redes sociais com tamanho médio e densidades entre 0,20 e 0,40 são consideradas redes relativamente estáveis e bem conectadas – redes de tamanho 60 com densidade superior a 0,50 são consideradas improváveis no mundo real (Prell, 2012: 168 e ss.; Kadushin, 2012).

TABELA 2 – Estatística descritiva das redes pessoais dos migrantes retornados

Variáveis	Média	Mediana	Desvio Padrão
Medidas de Rede			
Densidade	0,38	0,35	0,21
Centralidade	44,18	41,21	17,57
Intermediação	14,58	9,81	13,24
Proximidade	49,46	57,62	27,23
Cliques	122,32	49,00	189,61
Componentes	4,00	1,00	7,12
Proximidade do ego com alteri			
Laços Fortes	40,40	42,50	12,01
Laços Fracos	19,60	17,50	12,01
Tipo de Relação			
Família	19,78	19,00	10,38
Amizade	34,30	37,50	12,63
Trabalho	5,92	0,00	9,89
Composição dos alteri			
Homens	33,88	32,00	9,94
Mulheres	26,12	28,00	9,94
Retornados	3,58	3,00	3,06
Emigrantes nos EUA	10,68	8,50	9,44
Não Migrantes	45,74	49,50	10,95
Brokers	0,12	0,00	0,39
Suporte Social			
Ego ajudou alter	1,54	1,00	2,07
Alter ajudou Ego	0,98	1,00	0,93

Fonte: Pesquisa de Campo (2006)

A centralidade mede a atividade da rede e corresponde ao número de laços que um *nó* possui diretamente com outros nós, determinando sua capacidade de conexão direta (Scott, 2000). Sua medida varia de 0 a 100, onde num cenário de valor mínimo, *ego* não apresentaria nenhum contato direto na rede e, no máximo, *ego* teria contato direto com todos os outros *nós* da rede. Aqui utilizamos uma medida de centralidade “global” para a rede, isto é, a centralização de rede que identifica uma média ponderada da centralidade de todos os *alteri* da rede de *ego* como indicador da conectividade global (Prell, 2012). A distribuição da medida global de centralização não é linear, mas parabólica, então a proximidade do indicador em 50% indica uma centralização acentuada. Como medida alternativa de compactação da rede (Wasserman e Faust, 1994), a média de 44,18 sugere a definição de redes pessoais bem compactadas e coesas em geral. A intermediação é uma medida derivada da centralidade nodal que busca indicar o controle da informação

(intermediação) (Scott, 2000). A intermediação refere-se à existência de atores que ocupam a posição de maior convergência de “rotas alternativas” mais diretas e com menos intermediários entre duas pessoas quaisquer na rede. É uma medida de fluxo e capta o potencial de integração entre posições e nós da rede. Quanto maior o indicador de intermediação maior a fragmentação e a possibilidade de formação dos *buracos estruturais* bem como de *brokers* na rede, mas em geral, o valor dos indicadores de intermediação numa rede são baixos e dependem da densidade geral. Eventualmente, indicadores de intermediação ao nível individual identificam com segurança a capacidade individual de agenciamento (*brokerage*), isto é, indivíduos com elevado coeficiente de intermediação, acima dos 20%, tendem a refletir atores sociais gerenciadores de buracos estruturais e com maior capital social relativo na rede (Wasserman e Faust, 1994; Prell, 2012). Aqui utilizamos a medida ponderada global de intermediação (*betweenness centralization*) para avaliar o comportamento médio de cada rede pessoal. O valor de 14,58 sugere uma intermediação média significativa com poucas fissuras na rede, reforçando mais uma vez a ideia de redes compactas e conectadas.

Cliques e componentes são medidas básicas de rede que visam identificar a presença de subgrupos em determinados contextos, ou seja, ajudam a identificar o nível de fragmentação da rede e a formação de subgrupos. O clique tecnicamente é um subgrafo maximal formado apenas por nós que se conectam mutuamente apenas entre si, isto é, com máxima conexão interna dentro de um *cluster*, e nenhuma conexão externa ao cluster. Os indivíduos podem integrar simultaneamente inúmeras formações de subgrupos maximais e, neste sentido, um indivíduo pode ocupar uma posição que o coloca integrado em uma sobreposição de “panelinhas” que reforça sua “força estrutural” dentro da rede (Prell, 2012). Já os componentes referem-se às estruturas de subgrupos mais fracos, sendo um bom indicador para identificar a fragmentação na rede. Para Fazito e Soares (2014), a presença de muitos cliques na rede aponta para uma estrutura coesa e forte visto que os indivíduos quando ocupam muitos cliques sugerem a integração entre diferentes “panelinhas” ou regiões da rede. Por outro lado, muitos componentes indicam uma alta fragmentação entre os atores já que os componentes ocorrem devido à desconectividade da rede. A análise dos cliques apresentou uma variação importante, porém, a mediana de 49 cliques sugere que a maioria das redes possuem muitos subgrupos com similaridades entre si. Em contrapartida, frente à elevada coesão sugerida pelos cliques encontramos necessariamente um número reduzido de componentes (frequentemente as redes pessoais

são conectadas, com apenas 1 componente, isto é, a rede completa), mais uma vez reforçando a ideia de redes pessoais compactadas e coesas.

A próxima categoria da tabela 2 refere-se à proximidade dos *alteri* com os *egos*. O número de laços fortes e fracos foi determinado pelo grau de proximidade autodeclarado, indicando o tipo de relação e a intensidade. As redes pessoais dos retornados apresentaram uma média de 40,4 laços fortes e 19,6 laços fracos, num universo possível de 60 laços. Esses valores ressaltam a existência de grupos sociais muito densos na estrutura social dos retornados internacionais, o que de certa forma destaca a penetração dos valores e ideias deste ator na malha social de uma comunidade onde encontramos uma cultura migratória estabelecida.

A terceira categoria complementa a anterior, indicando o tipo de relação existente entre *ego* e *alteri*. Os resultados indicaram que, na média, os retornados compõem sua rede com 19,78 laços derivados de relações familiares, 34,3 de indivíduos caracterizados como amigos e outros 5,92 a partir das relações de trabalho.

Em relação à composição da rede por *alteri*, observou-se uma média de 33,88 homens e 26,12 mulheres. Apesar de aparentemente equilibrada, quando desagregada por sexo, a distribuição apresenta distinções de gênero na configuração da rede, sugerindo a presença de conectividade por homofilia (Marsden, 1988). Isto é, as pessoas tendem a interagir mais frequentemente com aqueles que compartilham um perfil sócio demográfico semelhante, e neste caso, caracteristicamente por relações de gênero, as mulheres possuem uma leve tendência a compor suas redes pessoais com indivíduos do mesmo sexo (57,2% mulheres). Já para os homens, essa homofilia é bem mais acentuada, pois eles tendem a compor suas redes com 67,2% de homens. Estes resultados evidenciam, para o caso da emigração internacional de valadarenses, o predomínio da participação masculina, mesmo que alguns estudos apontem que este ‘gap’ de gênero venha diminuindo ao longo dos anos (Soares, 2002; Assis, 2004; 2014).

Quanto à experiência migratória na composição dos seus *alteri*, os resultados indicaram que, na média, cada *ego* possui em sua rede 45,75 indivíduos sem experiência migratória internacional para os EUA, 10,68 emigrantes internacionais e outros 3,58 compostos por retornados. Fazito e Soares (2014) ressaltam que a presença de atores com experiência migratória em uma rede pessoal pode ser entendida como fator de grande importância

devido ao seu posicionamento estrutural de influência e suporte. Neste sentido, a participação de *alteri* migrantes e retornados encontrada na composição das redes pessoais dos retornados sugere a preponderância dos retornados na difusão das informações e recursos qualificados para outros migrantes em potencial presentes nestas redes pessoais.

A variável *broker* considera o número médio de *alteri* na rede pessoal caracterizado como aquele indivíduo que trabalha diretamente com adulteração de documentos ou algum outro agenciamento relacionado à travessia ilegal. Considerando todas as redes dos entrevistados, foram declarados apenas 6 *alteri* caracterizados como *brokers*, produzindo uma média muito baixa de 0,12 para cada rede pessoal. Fazito e Soares (2014) discutem amplamente a questão destes agentes na chamada ‘indústria da migração ilegal’, apontando que, devido à natureza de sua atividade, é esperado que tal ator possua laços fracos com migrantes em potencial, mantendo apenas conexões estratégicas e ocupando posições onde existam buracos estruturais no sistema migratório. Em outras palavras, para acessar um *broker* que conduza um processo de travessia ilegal, o migrante em potencial raramente possuirá um laço forte direto, devendo lançar mão de relações com retornados ou outros laços qualificados que façam a conexão indireta inicial para a formação de tríades entre eles.

Por fim, a análise do suporte social verifica se tanto o *ego* quanto o *alter* colaboraram em algum momento com informações, recursos financeiros ou outro tipo de apoio durante o processo migratório. O capital humano e social adquirido pelo retornando devido a sua experiência migratória possui uma positiva correlação com o suporte oferecido sobre processo migratório em suas redes pessoais (Soares, 2009).

Os resultados apontaram que em média cada retornando entrevistado ajudou 1,54 *alteri* de sua rede pessoal com informações ou recursos financeiros para a efetivação do projeto migratório. Por outro lado, eles relataram que, na época de sua emigração, contaram com o apoio de pelo menos uma pessoa que ofereceu dinheiro, informações ou intermediou contatos. Essas evidências reforçam a perspectiva teórica da migração que reconhece as redes sociais e outras instituições na perpetuação do sistema migratório representado por atores e posições.

O suporte social dado pelos retornados valadarenses aos seus *alteri* é analisado em detalhes através da estrutura de *nós* e conexões existentes na Figura 3. Acreditamos que a análise de

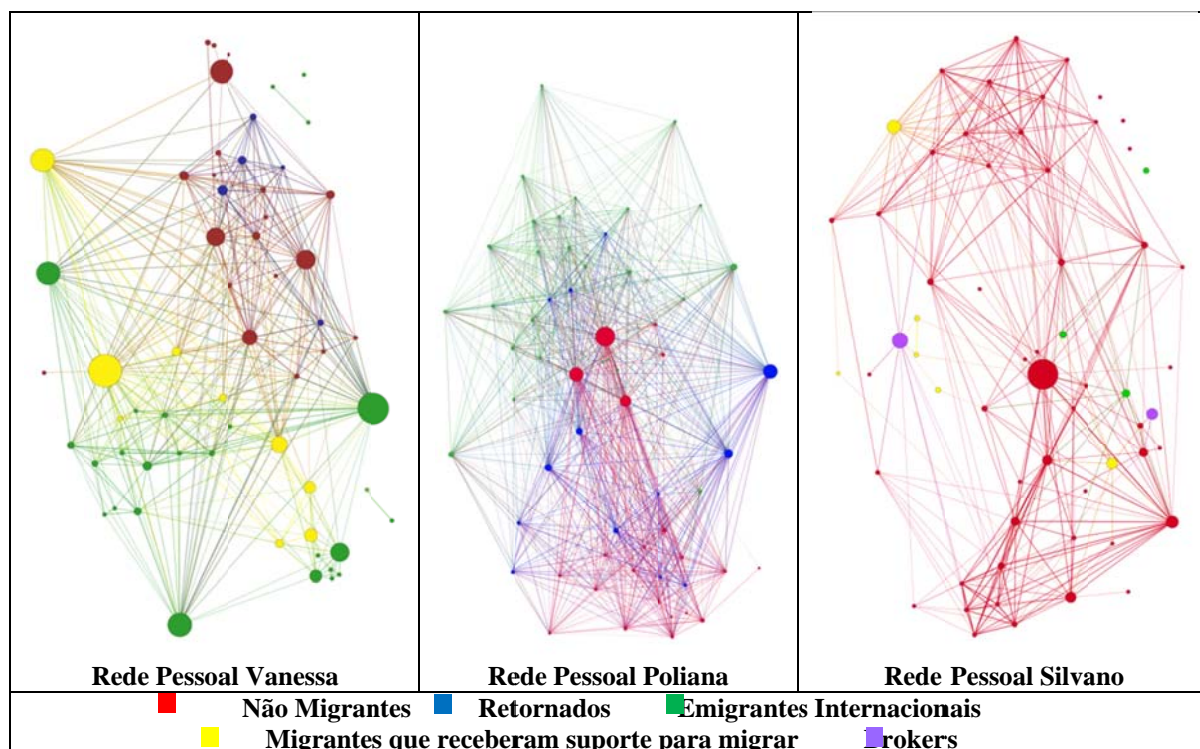
alguns perfis específicos possam contribuir para a melhor compreensão da configuração estrutural do sistema migratório. Portanto, apresentamos os três sociogramas abaixo que evidenciam os diferentes papéis executados por um retornado no contexto da migração.

O primeiro sociograma (Vanessa⁵) foi rotulado como aquele onde o retornado executa um papel de suporte social ativo, contribuindo com significativa parte de seus *alteri* para efetivação da emigração. O segundo (Poliana) ressalta a ideia de Fazito (2010) de que, embora o retornado tenha obtido um capital social diferenciado dada sua experiência migratória internacional, nem sempre o retornado atuará na intermediação de atores entre origem e destino. Por fim, o terceiro sociograma (Silvano) expõe a rede pessoal de um *ego* que se transformou em um agente especializado no processo de emigração internacional assumindo a intermediação direta da travessia irregular.

Vanessa tem 32 anos, branca, divorciada, possui o segundo grau completo. Obteve um visto de turista e migrou de forma regular para os EUA no início de 2000, retornando ao Brasil quatro anos depois. Embora tenha declarado que sua travessia foi realizada através de estratégias legais, sua permanência nos EUA após o período determinado pelo visto a configura como um sujeito que viveu naquele país em uma situação de irregularidade (*overstaying*). Atualmente ela é proprietária de um comércio na cidade de Governador Valadares e sua rede pessoal de 60 *alteri* é constituída por 34 emigrantes internacionais, 5 retornados e 21 indivíduos que não migraram para os EUA. Quase metade de sua rede pessoal é constituída por familiares (46%) e grande parte de seus laços de proximidade são fortes (60%). Fazito e Soares (2014) destacam que mulheres tendem a possuir em suas redes pessoais mais laços fortes e configurá-las geralmente associando a familiares e amigos próximos.

⁵ Vanessa, Poliana e Silvano são nomes fictícios que não correspondem a real identidade dos entrevistados.

Figura 3 – Comparativo de perfis de suporte social a partir das redes pessoais de Migrantes



Fonte: Elaborados a partir de dados da Pesquisa de Campo (2006) através do software Gephi.

A alta conectividade de Vanessa com atores estratégicos entre origem e destino permitiu que ela exercesse a intermediação junto a indivíduos próximos que tinham o desejo de emigrar. Ela ajudou nove *alteri* de sua rede pessoal com informações sobre travessia, retirada de documentos e outras informações importantes para a redução dos riscos financeiros e psicológicos da migração. Seu posicionamento estrutural privilegiado confere à sua rede uma densidade esparsa de 0,22. A medida de intermediação apresentou o valor de 7,11, sugerindo um grau de controle interno de sua rede é relativamente eficaz contra a presença de agentes intermediários e competitivos em relação ao número total de *alteri*. Os dados mostram que esse *ego* possui informações privilegiadas e as utiliza para a perpetuação do processo migratório sob forte controle social, ou seja, uma rede menos conectada internamente embora composta por laços fortes que garantem a autoridade *ego* sobre seus *alteri*.

Ao contrário de Vanessa, o segundo sociograma ressalta que a ação instrumental de intermediador de processos relativos à migração é uma opção do retornado e não necessariamente todos que se enquadram nessa condição exercerão papéis estratégicos no sistema migratório. Poliana tem 39 anos, é casada e também possui um empreendimento comercial. Migrou em 1991 e retornou para Governador Valadares após pouco mais de 2

anos de permanência nos EUA. Sua rede pessoal é formada por 26 emigrados, 13 retornados e 21 não migrantes.

Embora possua em sua rede pessoal a mesma distribuição de indivíduos com experiência migratória internacional (emigrantes e retornados) e de não migrantes que Vanessa, além de guardarem atributos sóciodemográficos relativamente próximos, Poliana não apoiou nenhum *alter* quando do momento de suas travessias. Pelo contrário, este retornado valeu-se de seus contatos próximos para receber apoio financeiro de cinco *alteri* e de outro para conseguir os documentos necessários para obter o visto. Sua rede apresenta uma densidade significativamente elevada de 0,52, derivado das 976 conexões existentes entre seus pares, sendo visivelmente mais compactada que a rede de Vanessa, que possuía 456 ligações entre os *alteri*. A medida de intermediação presente na rede de Poliana assemelha-se à de Vanessa, com valor de 7,59, configurando-se também como baixa a presença de *brokers* para difusão de informações e recursos nesta rede.

Os exemplos de Vanessa e Poliana comprovam diferentes papéis estruturais que os migrantes retornados exercem. Fazito (2010:97) reitera que nem todos os retornados exercerão esse apoio social para a perpetuação do sistema, pois embora favorecidos estruturalmente, alguns não efetivam suas posições. Nos dois casos analisados, os entrevistados valeram-se da composição de suas redes sociais para conseguir apoio para migrar, entretanto, apenas um deles optou por ocupar uma posição de intermediador para novos migrantes.

A análise histórica dos deslocamentos de brasileiros para os Estados Unidos mostra que as barreiras para a travessia forçaram a adaptação do sistema migratório para a permanência do fluxo. Fazito (2010) afirma que muitos retornados se especializaram na natureza desse suporte social realizando a intermediação qualificada no processo migratório irregular, ou seja, fizeram da migração ilegal um “negócio”. O terceiro sociograma contendo a representação da rede pessoal de Silvano é um exemplo dessa ação coordenada no mercado da migração em consolidação.

Silvano tem 45 anos, branco, evangélico, tem o segundo grau completo e assim como os dois exemplos anteriores é proprietário de uma empresa. Ele migrou para os EUA em 89 através da travessia ilegal pela fronteira mexicana e retornou para Valadares após pouco

mais de um ano. Quando migrou ele recebeu ajuda financeira de cinco pessoas, sendo que duas destas também contribuíram para retirada de documentação falsa.

O *ego* afirma ter ajudado quatro *alteri* de sua rede pessoal a conseguirem documentos para a emigração. Outros dois entrevistados, retornados que migraram em situação de irregularidade, indicaram Silvano como sendo um *alter* que os ajudou com dinheiro, informações e documentação necessária para migrar. Silvano apontou a existência de dois *alteri* em sua rede pessoal que adulteram documentos. Estes dois indivíduos também foram classificados pelo *ego* em outro momento da entrevista como ‘amigos de trabalho’. O tipo de suporte social executado por Silvano na rede e as estreitas ligações com falsificadores sugerem que ele seja um *broker* no processo de emigração internacional para os EUA.

Sua rede pessoal é majoritariamente composta por não migrantes (85%), seguidos de emigrantes (14%) e retornados (1%). A dispersão dos *nós* da rede pessoal de Silvano resulta numa densidade total de 0,18, indicando uma estrutura bastante esparsa que lhe facultam maior controle interno, ao permitir que ele “isole” seus *alteri* em pequenos grupos sem comunicação entre si (isto é, uma rede cheia de buracos estruturais que o *ego* opera com cuidado). Ao contrário dos outros dois exemplos que articulam o suporte social nas relações familiares e com amigos próximos, o gerenciamento especializado de Silvano aponta para um suporte fornecido a conhecidos distantes e outros laços fracos de sua rede. Os *nós* indicados em amarelo na figura 3 representam *alteri* que deram ou receberam algum tipo de suporte social. Destes, os que receberam suporte social de Silvano guardam conexões próximas com os dois falsificadores representados pela cor lilás.

A medida de intermediação apresentou valor mais alto, de 24,52, indicando um controle de fluxo mais delicado que os exemplos anteriores. Visto que a medida de intermediação revela indiretamente a presença de buracos estruturais na rede, podemos inferir que Silvano na realidade tem maior trabalho para coordenar internamente o capital social de sua rede, evitando os competidores do agenciamento (notadamente os 2 *alteri* identificados como falsificadores). Contudo, este “trabalho extra” de Silvano não deve ser confundido com dificuldade em controlar internamente o fluxo de recursos e informações em sua rede, visto que a configuração estrutural sugere elevada fragmentação e isolamento entre os subgrupos e indivíduos. Portanto, Silvano pode explorar seu capital social que se intensifica em sua rede dada a quantidade elevada de laços fracos que aumentam as oportunidades predatórias para *ego*, e a diversidade de informação não redundante sobre

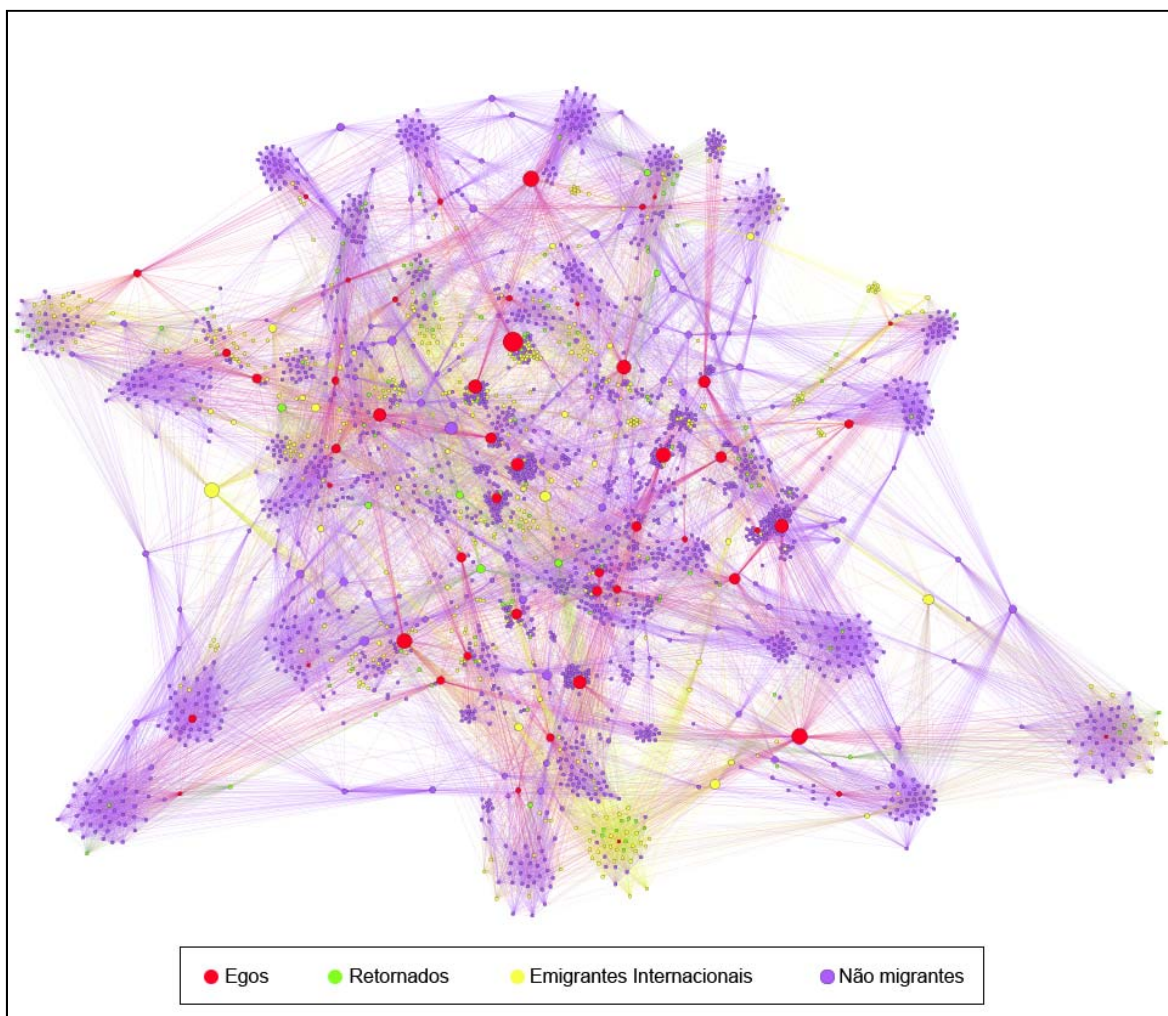
potenciais migrantes (análise que vai ao encontro da teorização de Granovetter (1973) sobre a força dos laços fracos e de Burt (2005) sobre a ação de *brokerage* nas redes sociais).

Assim, o contato direto com falsificadores, a presença de atores isolados e alta variação média de intermediação entre os *alteri* configuram a rede pessoal de Silvano como uma rede característica da migração ilegal, com buracos estruturais que permitem ao *ego* controlar e mediar todas as ações relacionadas a este processo – verdadeiramente um *broker* no mercado da migração.

A análise destes três exemplos deixa claro que os retornados podem ou não ocupar posições estruturais que transportem o suporte social necessário para o deslocamento legal ou ilegal de migrantes, bem como a diminuição de riscos relacionados a moradia, financiamentos e empregabilidade no destino. De certa forma, a propagação de atores retornados na comunidade contribui para o fortalecimento do sistema migratório e difunde no entorno de Governador Valadares, entre os municípios mais próximos, as facilidades e os benefícios do deslocamento internacional. Essa espécie de ‘contaminação’ ocorre através das conexões existentes na rede social dos residentes da região. Neste sentido, a figura 4 exhibe a conectividade e transitividade das trocas entre diversos atores através da representação de uma rede total contendo todos os entrevistados e seus *alteri*.

Aqui apresentamos a construção da rede total como parte de um exercício metodológico válido para verificar as conexões entre diferentes atores e seus papéis numa malha reticular e perceber como as interações fortaleceriam tanto o mercado da migração quanto o que se convencionou chamar de ‘cultura migratória’. A identificação de um mesmo ator em redes pessoais diferentes (desambiguação) obedeceu alguns critérios: retornados que possuíam nomes iguais de indivíduos não migrantes foram separados, caso houvessem retornados com mesmo nome, eram verificadas suas conexões familiares e a estrutura do levantamento de dados bola de neve para manter separado ou unir dois atores como um só; emigrantes seguiram basicamente o mesmo critério, separando homônimos não migrantes e verificando sua composição familiar; Não migrantes só eram unidos quando o nome fosse comum e a estrutura familiar relatada pelos *egos* fosse compatível (Ex.: *Ego A* declarou que X1 é sua filha, *Ego B* disse que X2 é sua esposa, mas também que é genro de *Ego A*, logo, com nomes iguais, deduz-se que X1 e X2 são a mesma pessoa e unem-se os registros na base de dados).

Figura 4 – Rede total com Entrevistados e seus *Alteri* (Emigrantes nos Eua, retornados e não migrantes)



Fonte: Elaborado a partir de dados da Pesquisa de Campo (2006) através do software Gephi.

Inicialmente a rede total seria a soma dos 50 atores entrevistados mais os 3000 *alteri* (derivados da multiplicação dos 60 *alteri* relatados pelos *egos*) totalizando 3050 *nós* na rede. Entretanto, com a unificação de atores, a rede total foi elaborada com 2.622 atores diferentes entre si e 36.734 conexões. Além dos 50 *egos* (1,9%) a rede total possui outros 119 retornados (4,53%), 430 emigrantes residentes nos EUA (16,39%) e 2023 não migrantes (77,15%). Isso significa que 22,84% da população investigada guarda alguma experiência migratória internacional. Essa distribuição está de acordo com a evolução da experiência migratória encontradas no Censo (IBGE, 2011) e na proximidade com os resultados do levantamento probabilístico realizado na MGTV com 600 domicílios em 2010,

que apontou 23,2% dos entrevistados possuíam alguma relação com a emigração internacional⁶.

Como esperado, devido ao grande tamanho desta rede social total (2.622 nós) encontramos uma medida de densidade muito baixa (0,011), sugerindo em princípio uma rede fragmentada. Entretanto, acompanhando aqui as teorizações sobre o fenômeno do ‘Mundo Pequeno’ (Watts, 1998; Kadushin, 2012), observamos também que as redes pessoais com seus *egos* estão todos conectados entre si e formam pequenos *clusters* ou subgrupos de pessoas. De fato, o modelo de Mundo Pequeno sugere uma configuração semelhante para o mundo social cuja característica morfológica essencial é o elevado índice de aglomeração (formação de subgrupos coesos internamente) e distância relativamente pequena entre os distintos aglomerados na rede (existência de poucos graus de separação e presença de “pontes” que permitem a proliferação de buracos estruturais).

Contudo, será preciso avançar metodologicamente e refinarmos o instrumental no sentido de podermos aprofundar a análise sobre este material.

6. Considerações Finais

A Microrregião de Governador Valadares foi o berço do fluxo emigratório de brasileiros para os EUA. Trata-se de uma região marcada historicamente por fatores que contribuíram para que os deslocamentos ocorressem. As oscilações econômicas entre origem em destino durante a década 2000/2010 não foram capazes de desestimular o fluxo emigratório na região, e isto se deve principalmente aos mecanismos de perpetuação consolidados no sistema migratório através das redes sociais na comunidade.

O retornado internacional é peça fundamental para perpetuação do sistema migratório devido à intermediação de recursos estratégicos transmitidos na comunidade. Ao retornar, este indivíduo caracteriza-se como um ator dotado de capital social singular dentro do sistema de migração, pois o retornado pode assumir papéis de suporte financeiro,

⁶ Resultados extraídos da base de dados do Projeto de Pesquisa ‘Desenvolvimento Territorial, Capital Social e Análise de Redes Sociais: a (re)inserção dos retornados internacionais da Itália no campo socioeconômico de Governador Valadares e Diamantina’, apoiado pela Fapemig e coordenada pelos profs. Weber Soares e Dimitri Fazito (comunicação pessoal).

psicológico e de intermediação entre outros contatos, e disseminar tanto valores quanto recursos essenciais para a consecução do projeto migratório (como a retirada de documentos, realização da travessia legal ou não, moradia e emprego em terras estrangeiras). Finalmente, a atuação dos retornados favorece também a organização de um mercado de migração que se caracterizou pela indústria da migração ilegal.

Em síntese, podemos dizer que para que um ator venha a ser um emigrante não basta apenas o desejo de migrar, pois é necessário também que ele possua relações dentro de sua comunidade, atualizada constantemente por sua rede pessoal ativa, e seja capaz de intermediar contatos que lhe forneçam o suporte necessário para o tipo de travessia compatível e para a minimização dos riscos de adaptação no destino. Todavia, no caso da MGTV, o exercício da representação da rede total, unindo todos os *egos*, demais retornados, emigrantes nos EUA e não migrantes afirmou a presença de um grande componente coerente com o modelo de Mundo Pequeno aplicado às sociedades humanas.

Referências Bibliográficas

ASSIS, Gláucia de Oliveira. **De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares e de gênero nas vivências dos novos migrantes brasileiros**. 2004. 348p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia Ciências Humanas da Unicamp.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. Gender and migration from invisibility to agency: The routes of Brazilian women from transnational towns to the United States. **Women's Studies International Forum**, v. 46, p. 33-44, 2014.

BURT, Ronald. **Brokerage and Closure: an introduction to social capital**, Oxford University Press, UK. 2005.

CARVALHO, José Alberto M. de. O saldo dos fluxos migratórios internacionais do Brasil na década de 80 : uma tentativa de estimação. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v.13, n.1, p.3-14, jan./jun. 1996.

COLLINS, Randall. **Quatro Tradições Sociológicas**, Editora Vozes, São Paulo, 2009.

DE HAAS, H. Migration and development: a theoretical perspective. In: **International Migration Review**, 44(1):227-264. 2010.

DIAS, C. A.; SOUSA, L. G. Microrregião de Governador Valadares: a busca de uma identidade territorial para uma região em crise. In: **Anais do XIII Seminário de Diamantina 2010**. 2010.

FAWCETT, J. T. Networks, Linkages, and Migration Systems. **International Migration Review** 23:671-80. 1989.

FAZITO, Dimitri. **Reflexões sobre os sistemas de migração internacional: proposta para uma análise estrutural dos mecanismos intermediários**. Tese (Doutorado em

Demografia), Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais. 2005.

FAZITO, Dimitri. Análise de Redes Sociais e Migração: Dois aspectos fundamentais do “retorno”. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol. 25. N. 72. p.89-100. 2010.

FAZITO, Dimitri; SOARES, Weber. Capital social, análise de redes e os mecanismos intermediários do Sistema migratório Brasil/EUA. **Revista Geografias**, Vol. 6, N. 1, 2010.

FAZITO, Dimitri; SOARES, Weber. The Industry of Illegal Migration: Social Network Analysis of the Brazil-US Migration System. **International Migration / OIM**. doi: 10.1111/imig.12034. 2014.

FUSCO, Wilson. **Redes Sociais na migração internacional: O caso de Governador Valadares**. 2000. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Unicamp, Campinas.

FUSCO, Wilson. **Capital cordial : a reciprocidade entre os imigrantes brasileiros nos Estados Unidos**. 2005. Tese (Doutorado em Demografia), Unicamp, Campinas.

GOZA, Franklin. Brazilian immigration to North America. **International Migration Review**, 28(1): 136–152. 1994.

GRANOVETTER, Mark. The strength of weak ties. in **American Journal of Sociology**, 78: 1360-1380. 1973.

GUILMOTO, C. Z.; SANDRON, F. The internal dynamics of migration networks in developing countries. **Population: an English Selection**, v.13, n. 2, p. 135-164. 2001.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico Brasileiro 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.

KADUSHIN, Charles. **Understanding Social Networks: theories, concepts and findings**, Oxford University Press, UK. 2012.

KANDEL, William; MASSEY, Douglas. The culture of Mexican Migration: A Theoretical and Empirical Analysis. **Social Forces**, V 80, N 3, 2002. pp. 981-1004.

KRITZ, M.; ZLOTNIK, H. Global interactions: migration systems, processes and policies. In: Kritz Mary et al. (Ed.) **International migration systems, a global approach**. Oxford: Clarendon, p.1-16. 1992.

LIN, Nan. **Social Capital: a theory of social structure and action**, Cambridge University Press, UK. 2001.

MARGOLIS, Maxine. **Little Brazil: imigrantes brasileiros em Nova York**, Campinas: Papyrus, 1994. 452p.

MARTES, Ana Cristina Braga; SOARES, Weber. Remessas de recursos dos imigrantes. **Estudos Avançados**. 20 (57). 2006.

MASSEY, D. S.; ARANGO, J.; ALARCÓN, R.; DURAND, J.; GONZÁLEZ, H. **Return to Aztlan: the social process of international migration from western Mexico**. Berkeley, Los Angeles, London, University of California Press, 335 p. 1987.

MASSEY, D. S. Social Structure, Household Strategies, and the Cumulative Causation of Migration. **Population Index**, v. 56, n. 1, spring/1996, p. 3-26. 1990.

MASSEY, D. S.; ARANGO, J.; HUGO, G.; KOUAOUCI, A.; PELLEGRINO, A.; TAYLOR, J. E. Theories of International Migration: a Review and Appraisal. **Population and Development Review**, v. 19, n. 3, set/1993, p. 431-466. 1993.

- MARSDEN, Peter van. Homogeneity in confiding relations. **Social Networks**, 10 (1), 57–76. 1988.
- MARTES, Ana Cristina B. Os imigrantes brasileiros e as igrejas em Massachusetts. In: REIS, Rossana Rocha, SALES, Teresa (Org.). **Cenas do Brasil migrante**. São Paulo: Boitempo, 1999. p.87-122.
- MCCARTY, Christopher. Structure in personal networks. **Journal of Social Structure**, 23(1). 2002. Disponível em: <<https://www.cmu.edu/joss/content/articles/volume3/McCarthy.html>> Acesso em: 01 de Abril de 2015.
- PATARRA, Neide L. e BAENINGER, Rosana. Migrações internacionais recentes: o caso do Brasil. In: PATARRA, Neide (org.). **Emigração e Imigração Internacionais no Brasil Contemporâneo**. São Paulo: FNUAP, 1995. p. 79-87.
- PRELL, Christina. **Social Network Analysis: history, theory and methodology**, SAGE, UK. 2012.
- SALES, Teresa. **Brasileiros longe de casa**. São Paulo. Cortez. 1999.
- SAYAD, Abdelmalek.. O retorno: elemento constitutivo da condição do migrante. **Revista Travessia**, 13: p. 7–32. 2000.
- SCOTT, John. **Social Network Analysis, A Handbook**, SAGE, London. 2000
- SIQUEIRA, Sueli. **Migrantes e empreendimentos na microrregião de Governador Valadares: sonhos e frustrações no retorno**. Tese (Doutorado em Sociologia e Política) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2006.
- SIQUEIRA, Sueli. Migracion y las distintas formas de retorno al suelo natal. Una perspectiva transnacional. **Simposio Internacional Nuevos retos del transnacionalismo en el estudio de las migraciones**. 14 y 15 de febrero de 2008.
- SOARES, Weber. **Da metáfora à substância: redes sociais, redes migratórias e migração nacional e internacional em Valadares e Ipatinga**. 2002. 344p. Tese (Doutorado em Demografia) — Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerias, Belo Horizonte.
- SOARES. Weber. Da associação entre os retornados internacionais e os intermediários da rede migratória valadarense. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana – REMHu**. Ano XVII, N. 32, 2009. p.47-59.
- SOUSA, Leonardo; FAZITO, Dimitri. **Um estudo sobre as oscilações e determinantes da emigração internacional para os EUA a partir da Microrregião de Governador Valadares entre 2000 e 2010**. [No prelo]. 2016.
- VILHELMSON, Bertil; THULIN, Eva. Does Internet encourage people to move? Investigating Swedish young adults internal migration experiences and plans. **Geoforum**. N. 47. pp 209-216. 2013.
- WASSERMAN, Stanley, FAUST, Katherine. **Social network analysis: methods and applications**. Cambridge: Cambridge University, 1994. 825p,
- WATTS, Duncan. **Small Worlds**, Princeton University Press, New Jersey, US. 1998;.
- WELLMAN, Barry. Structural analysis: from method and metaphor to theory and substance”, in Wellman, B.; Berkowitz, S.D. (Eds), **Social Structures: A Network Approach**, Cambridge University Press, Cambridge. 1988.